

## **GENEALOGIA DA MATERIALIDADE: DA SUBSTÂNCIA À ONTOLOGIA DOCUMENTÁRIA<sup>1</sup>**

***GENEALOGY OF MATERIALITY: FROM SUBSTANCE TO  
DOCUMENTARY ONTOLOGY***

***GENEALOGÍA DE LA MATERIALIDAD: DE LA SUSTANCIA  
A LA ONTOLOGÍA DOCUMENTAL***

**Fábio Liberal Ferreira de Santana<sup>2</sup>  
Rodrigo Rabello<sup>3</sup>**

Submetido em: 12/03/2026

Aprovado em: 20/03/2026

Publicado em: 22/03/2026



Artigo submetido ao sistema de similaridade

---

<sup>1</sup> Esse artigo foi submetido, avaliado, aprovado, apresentado e premiado no XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XXV ENANCIB) em 2025.

<sup>2</sup> Doutorando em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Poder Legislativo pelo Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento da Câmara dos Deputados (Cefor/CD). Técnico Legislativo do Senado Federal. E-mail: [faliberal@gmail.com](mailto:faliberal@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8324-1181>.

<sup>3</sup> Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Professor Adjunto da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCinf) da UnB. E-mail: [rdgrabello@gmail.com](mailto:rdgrabello@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7217-1608>.

**Resumo:** A compreensão da materialidade da informação exige superar a descorporificação dos processos documentais, bem como a herança semântica mecanicista que associa o conceito matéria a um suporte físico inerte. Diante disso, este artigo analisa os deslocamentos epistemológicos que forjaram o conceito, desde as raízes clássicas até sua apropriação contemporânea no âmbito das ciências da informação e da documentação pela perspectiva de Bernd Frohmann. Trata-se de um ensaio teórico-analítico de viés genealógico que mapeia as rupturas do locus material: da substância hilemórfica na Antiguidade e na Escolástica, passando pelo mecanicismo cartesiano e pela infraestrutura no materialismo histórico-dialético, até as práticas discursivas foucaultianas e a ontologia documentária de Frohmann. Os resultados demonstram que a neodocumentação frohmanniana encontra na microfísica foucaultiana um fundamento para as práticas informacionais. Para articular sua ontologia documentária, que entende o documento como produtor de realidade, o autor transpõe a equivalência entre massa e energia da física moderna: a estabilidade institucional do documento atua como força ativa, com agência autônoma capaz de produzir efeitos concretos. Conclui-se que o reconhecimento dessa agência material oferece uma lente heurística e suscita uma urgência ética e política para os estudos informacionais.

**Palavras-Chave:** Materialidade Documental; Bernd Frohmann; Neodocumentação; Epistemologia da Ciência da Informação; Ontologia Documentária.

**Abstract:** *The understanding of information materiality requires overcoming the disembodiment of documentary processes, as well as the mechanistic semantic heritage that associates the concept of matter with an inert physical medium. Given this, this article analyzes the epistemological shifts that forged the concept, from its classical roots to its contemporary appropriation within the scope of information and documentation sciences through the perspective of Bernd Frohmann. This is a theoretical-analytical essay with a genealogical approach that maps the ruptures of the material locus: from the hylomorphic substance in Antiquity and Scholasticism, passing through Cartesian mechanism and the infrastructure in historical-dialectical materialism, to Foucault's discursive practices and Frohmann's documentary ontology. The results demonstrate that Frohmannian neo-documentation finds in Foucauldian microphysics a foundation for informational practices. To articulate his documentary ontology, which understands the document as a producer of reality, the author transposes the equivalence between mass and energy from modern physics: the institutional stability of the document acts as an active force, with autonomous agency capable of producing concrete effects. It is concluded that the recognition of this material agency offers a heuristic lens and raises an ethical and political urgency for informational studies.*

**Keywords:** Documentary Materiality; Bernd Frohmann; Neo-Documentation; Information Science Epistemology; Documentary Ontology.

**Resumen:** *La comprensión de la materialidad de la información exige superar la descorporización de los procesos documentales, así como la herencia semántica mecanicista que asocia el concepto de materia a un soporte físico inerte. Ante esto, este artículo analiza los desplazamientos epistemológicos que forjaron el concepto, desde sus raíces clásicas hasta su apropiación contemporánea en el ámbito de las ciencias de la información y de la documentación desde la perspectiva de Bernd Frohmann. Se trata de un ensayo teórico-analítico de enfoque genealógico que mapea las rupturas del locus material: desde la sustancia hilemórfica en la Antigüedad y en la Escolástica, pasando por el mecanicismo cartesiano y por la infraestructura en el materialismo histórico-dialéctico, hasta las prácticas discursivas foucaultianas y la ontología documental de Frohmann. Los resultados demuestran que la neodocumentación frohmanniana encuentra en la microfísica foucaultiana un fundamento para las prácticas informacionales. Para articular su ontología documental, que entiende el documento como productor de realidad, el autor transpone la equivalencia entre masa y energía de la física moderna: la estabilidad institucional del documento actúa como fuerza activa, con agencia autónoma capaz de producir efectos concretos. Se concluye que el reconocimiento de esta agencia material ofrece una lente heurística para el área y suscita una urgencia ética y política para los estudios informacionales.*

**Palabras clave:** *Materialidad Documental; Bernd Frohmann; Neodocumentación; Epistemología de la Ciencia de la Información; Ontología Documental.*

## 1 INTRODUÇÃO

A digitalização dos documentos e a aparente desmaterialização da informação, características da contemporaneidade, têm impulsionado pesquisas sobre suas implicações sociais, como os efeitos da fluidez informacional e das novas formas digitais de circulação sobre os processos de produção e disseminação documental. Tais estudos têm surpreendido ao revelar que a dimensão concreta e institucional dos documentos não desapareceu no ambiente digital: ela mudou de forma, reconfigurando-se em infraestruturas, lógicas algorítmicas e arranjos institucionais.

A compreensão dessas transformações desafia as ciências da informação e da documentação, historicamente consolidadas sob

paradigmas que descorporificaram a informação. Ora convertendo a informação em sinal mensurável independente de suporte pelo viés fisicalista, ora tratando-a como processo mental abstrato pelo prisma cognitivo, estabeleceu-se na área o que Saldanha (2013) define como "informacionalismo". Em contraponto a esse cenário, marcado pela reificação e idealização do conceito de informação (Day, 2001; Capurro, 2003), articula-se, no fim do século XX, a "neodocumentação", corrente teórica que retoma os fundamentos formulados décadas antes por Paul Otlet e Susanne Briet para restituir o protagonismo aos objetos materiais e às práticas que os circundam.

Um dos principais formuladores dessa resposta crítica é Bernd Frohmann, para quem a materialidade documental vai além do suporte físico inerte: ela é o elemento central para compreender a produção, a circulação e interpretação da informação na sociedade. A palavra "materialidade" evoca, no entanto, o peso de uma herança semântica que historicamente a associa à *res extensa* cartesiana. A superação dessa visão mecanicista exige a distinção entre a fisicalidade do objeto-suporte físico e uma materialidade que abrange as implicações institucionais, políticas e epistemológicas que esse objeto adquire em seu contexto (Rabello, 2019a).

Frohmann investiga os efeitos sociais e institucionais dessa materialidade recorrendo à analogia com conceitos da física moderna. O autor distancia-se da visão clássica de matéria inerte para focar em propriedades dinâmicas e de agência do documento como uma engrenagem ativa nos jogos de poder, em um movimento que dialoga com a microfísica foucaultiana. Essa materialidade

manifesta-se de múltiplas formas, fazendo frente à concepção de uma informação imaterial, mentalista e uniforme (Frohmann, 1995; 2007; 2008a).

O presente estudo examina, sob a forma de um ensaio teórico-analítico de viés genealógico (Foucault, 1979; 2008), os sucessivos deslocamentos epistemológicos que forjaram esse conceito. Serão investigadas as rupturas e deslocamentos do lócus da materialidade ao longo do tempo, desde as raízes clássicas até sua apropriação contemporânea pela perspectiva frohmanniana.

Para mapear esse deslocamento, o artigo organiza-se em três etapas, desenvolvidas nas Seções 2 a 4. A Seção 2 examina as origens do termo "matéria" na Antiguidade e na Escolástica, avançando até a ruptura mecanicista e a formulação do materialismo histórico-dialético, que transfere o lócus material para as infraestruturas socioeconômicas. A Seção 3 discute a materialidade do discurso forjada ainda na fase arqueológica de Michel Foucault, evidenciando como a densidade institucional molda os enunciados. A Seção 4 articula esse percurso histórico à "ontologia documentária" de Frohmann, demonstrando como as premissas foucaultianas são traduzidas em agência documental. As considerações finais sintetizam as implicações teóricas dessa abordagem para a compreensão crítica dos processos informacionais contemporâneos.

## **2 O LÓCUS DA MATÉRIA: DA SUBSTÂNCIA À INFRAESTRUTURA SOCIAL**

A palavra "matéria" remonta ao grego *húlē*, originalmente associado a "madeira" e "floresta" e traduzido em latim como *silva* ou *materia*, indicando a madeira utilizada para construção – distinta

de *lignum*, a lenha para queimar. A acepção latina se aproxima do elemento mórfico indo-europeu *matr-* ("mãe"), associado ao tronco como origem de rebentos e, por extensão, à madeira como base estruturante (Agamben, 2015, p. 130).

Na metafísica aristotélica, a matéria (*húlē*) designa a substância fundamental e passiva do mundo físico, transposta ao plano metafísico como uma das causas do ser das coisas (Angioni, 2007). Ela somente se corporifica quando acionada pelo princípio ativo da "forma" (*eîdos*), que lhe confere identidade e estrutura. Como substrato indeterminado, ela atua como "a possibilidade pura, o 'sem forma' que pode receber ou conter todas as formas e da qual a forma é, de algum modo, o traço" (Agamben, 2015, p. 130).

Como observa Menezes (2018), essa herança conceitual, em que a matéria (*húlē*), "pura potência" e "sem forma", é receptáculo passivo para a forma (*eîdos*), sustenta também a associação etimológica que historicamente privilegiou o ato formador (*informatio*: "dar a forma") e relegou o informe (*informis*: "privação de forma") à marginalidade.

Essa subordinação da matéria consolidou-se como amarra teológica quando a filosofia escolástica incorporou o modelo aristotélico aos princípios da religião. Como aponta Angioni (2007), a tradição legou uma leitura na qual a matéria se cristalizou como potência passiva absoluta, subordinada ao ato divino. O esvaziamento dessa potencialidade aprofundou-se a partir do século XVII.

Embora o Humanismo, a redescoberta dos textos da antiguidade e o desenvolvimento das ciências naturais tenham

promovido mudanças profundas e rompido com a Escolástica, os novos paradigmas mecanicistas consumaram a redução da matéria a uma dimensão puramente geométrica e inerte. Em Descartes (1996), a matéria foi circunscrita à *res extensa*: destituída de qualidades sensoriais ou potencialidades ontológicas, ela passou a ser compreendida estritamente como uma dimensão espacial quantificável em comprimento, largura e profundidade.

Sob o esteio desses novos paradigmas experimentais, consolidou-se no século XVIII o uso do termo "materialista" para identificar pensadores iluministas que consideram a matéria como fundamento da realidade, como Diderot e La Mettrie (Bloch, 1990). O Iluminismo consolidou a visão de que a matéria deveria ser compreendida cientificamente, sem referência a essências metafísicas ou explicações sobrenaturais. Conforme demonstra Cassirer (1992), a natureza deixou de ser o domínio das essências obscuras para tornar-se o campo estrito das leis empíricas claras e mensuráveis. Essa virada pavimentou o caminho para o positivismo e para o materialismo científico do século XIX.

Freixo (2020) destaca que, a partir desse momento, o conceito de matéria passou a ocupar um lugar central nas disputas teóricas, estabelecendo-se como alternativa à primazia da consciência e à noção da mente como fundamento da análise científica.

No século XIX, Marx e Engels reformularam o idealismo hegeliano e desenvolveram o materialismo histórico-dialético (Balibar, 1992). Para fundamentar sua análise das relações sociais de produção, estabeleceram um entendimento de matéria recorrendo ao exame das transformações do conceito desde a

filosofia da natureza em Demócrito e Epicuro e nos sucessivos embates entre correntes metafísicas e idealistas ocorridos desde o Iluminismo (Freixo, 2020).

Para Marx e Engels, a matéria não é apenas uma substância física, um elemento passivo da realidade, mas o próprio fundamento do desenvolvimento histórico e social. É neste ponto que o foco na “matéria” como entidade isolada se converte na “materialidade” como qualidade das relações: ela não é apenas um dado natural, mas uma construção histórica, fundamental para entender a estrutura e as transformações da sociedade.

Ocorre aqui uma transferência decisiva: o lócus do conceito de matéria desloca-se da substância física clássica para a infraestrutura das relações socioeconômicas. Como sintetiza Marx (2008, p. 47): "O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, político e espiritual". É essa base material da sociedade, carregada com as condições concretas de existência, que condiciona a superestrutura, abrangendo instituições, política, cultura e ideologia.

### **3 O LÓCUS DISCURSIVO: A MATERIALIDADE EM FOUCAULT**

Essa visão influenciou diversas áreas, incluindo, no século XX, o pensamento de Michel Foucault, cuja obra evidencia a preocupação com as condições materiais da existência e do poder. Embora dialogue, ainda que em tensão, com o materialismo histórico (Balibar, 1992), Foucault opera uma ruptura metodológica incontornável com essa tradição. Como argumenta Olssen (2004), o autor recusa o determinismo econômico e o modelo ortodoxo de base e superestrutura.

Para Foucault, o poder não deriva primariamente do modo de produção para então ditar a cultura, mas imanentiza-se nas relações capilares e institucionais cotidianas. Com isso, ele desloca o foco da economia para as práticas discursivas e institucionais que conformam corpos, saberes e condutas nos dispositivos de poder.

A análise do discurso foucaultiana interroga "as condições de possibilidade da emergência de uma formação discursiva até que se possa chegar às suas regras de constituição" (Meirelles, 2019, p. 30). Para Foucault (2008, p. 132), o discurso é um "conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva [...] constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência". O discurso, assim compreendido, não é apenas um conjunto de palavras ou ideias abstratas que produz efeitos institucionais concretos. Sua materialidade está no modo como regula comportamentos e organiza o mundo social.

Foucault (2008) analisa como práticas discursivas, como linguagem, ideias e sistemas de saber, se estruturam materialmente em instituições. O discurso não é uma unidade, mas contém um sistema de regularidades discursivas sustentado por enunciados. Ele afirma que a materialidade do enunciado "não é a do suporte físico ou do som [...] mas sim o seu estatuto de coisa, sua possibilidade de reinscrição e de transcrição" (Foucault, 2008, p. 116).

O campo de estabilidade dado pelo discurso assegura existência e materialidade ao enunciado (Meirelles, 2019). Como resume Freixo (2020, p. 20), inserido em um regime institucional, o enunciado articula-se "com uma materialidade que é própria das instituições, e

que lhe garante possibilidades de reinscrição e de transcrição”. Esse regime define limites e possibilidades institucionais, mais do que localizações espaço-temporais (Foucault, 2008).

Enredado nas malhas institucionais, o enunciado adquire densidade material e passa a operar ativamente como engrenagem nas relações de poder. Essa dinâmica sustenta a noção foucaultiana de uma microfísica do poder: o controle deixa de ser concebido como uma posse centralizada ou puramente repressiva para atuar como uma força produtiva, que “produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade” (Foucault, 2018, p. 162).

Ao compreender a materialidade a partir dessa “multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização” (Foucault, 1988, p. 88), a teoria foucaultiana fornece parte importante do alicerce metodológico para Frohmann. Ele se apoiará na premissa de um poder que “produz realidade” para demonstrar como a prática documentária não apenas espelha, mas constrói e intervém na realidade com propriedades materiais e energéticas análogas às da física moderna.

#### **4 A ONTOLOGIA DOCUMENTÁRIA: A AGÊNCIA DA MATÉRIA EM FROHMANN**

A concepção de informação como portadora de conteúdo semântico e de documento como objeto simbólico dotado de suporte, forma e conteúdo insere-se no processo comunicativo intersubjetivo, que atribui sentido aos conteúdos em contextos específicos. Rabello (2022) observa que as ciências da informação e da documentação têm se dedicado, tradicionalmente, ao estudo dos documentos como

portadores de informação, vinculados à realidade por meio da representação (técnica) de conteúdos.

Sob esse viés, a tradicional representação de conteúdos semânticos limita a compressão do processo informacional ao desconsiderar suas articulações epistêmicas, políticas e éticas (Rabello, 2022). Frohmann propõe a superação dessa lacuna sob uma ótica foucaultiana, retomando a tradição de Otlet de um ponto de vista crítico. Revisitando as bases da área, o autor rejeita a extração de conteúdo que reduz documentos a suportes neutros, destacando a perda de suas dimensões materiais e simbólicas (Lara, 2014). Nessa perspectiva, a materialidade documental transcende a fisicalidade, atestando que a informação, tal como o discurso em Foucault, não existe alheia a condições institucionais e tecnológicas.

Ao focar na gênese e na forma, a tradição diplomática e arquivística enraizou o documento como prova e representação, concebendo-o, supostamente, como um meio de acesso direto à realidade “nua e crua” (Rabello; Rodrigues, 2016). Frohmann rompe com esse paradigma e com a noção estrita de evidência física como meio de prova e insumo para a indicialidade, legada sobretudo a Susanne Briet, sem explorar, contudo, sua contribuição para o estudo da documentalidade, que pode anteceder a prática de documentar (Mostafa, 2011). Nesse movimento, o documento deixa de ser concebido como receptáculo passivo e passa a ser compreendido como ator dotado de agência autônoma (Frohmann, 2008c).

Essa trajetória teórica, ao recuperar tradições que atribuem centralidade à matéria, reverbera em análises contemporâneas como

a de Menezes (2018) sobre implicações sociais e de gênero da decisão histórica que privilegiou o “dar a forma” em detrimento da “privação da forma” na ontologia da informação, evidenciando como tal escolha molda hierarquias simbólicas e materializa exclusões no pensamento informacional.

Um dos diferenciais da “neodocumentação” consiste na ênfase do estudo do processo de gerar e ampliar os efeitos da materialidade da informação, mediante a investigação do “processo ou práticas de documentar ou, numa palavra, documentação” (Rabello, 2022, p. 2). Para Lara (2014, p. 3), Frohmann aborda as práticas com os documentos, “como um gênero de prática social que depende das especificidades de cada uma delas”, tomando por base o conceito foucaultiano de práticas discursivas, que correspondem a:

[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma época dada e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições do exercício da função enunciativa (Foucault, 2008, p. 133).

Nesse arranjo, a prática documentária, tal como concebida por Frohmann, operacionaliza a microfísica foucaultiana nas ciências da informação e da documentação: os documentos são tecnologias de poder que permitem aos discursos circular e se estabilizarem nas instituições. A materialidade não reflete apenas condições econômicas, mas constrói-se ativamente por meio dessas engrenagens institucionais.

Ao ser reinscrito em práticas institucionais, o enunciado se materializa e participa de jogos de poder que, para Frohmann, extrapolam a dupla referência foucaultiana de épistémé e dispositivo

(González de Gómez, 2012). Esse esquema conceitual mapeia as condições macrossociais do saber, mas não esgota a materialidade técnica e palpável dos objetos em si. Para suprir essa lacuna, Frohmann amplia sua abordagem com a teoria do ator-rede de Michel Callon e Bruno Latour (Frohmann, 1995) e com o agenciamento de Deleuze (Rabello, 2022), acionadas para fundamentar a agência autônoma da documentação e justificar a capacidade de os objetos materiais agirem e produzirem efeitos independentemente da intenção humana. Essas influências foram empregadas em investigações sobre ética, ontologia e política documentária (Frohmann, 2008b) e sobre ética em redes digitais (Frohmann, 2018).

A materialidade da informação é compreendida como efeito relacional, isto é, um valor produzido nas redes sociotécnicas e nas instituições (Frohmann, 1995; 2008a). Essa materialidade depende de convenções sociais e do plano simbólico, sendo constituída em práticas coletivas que definem o que pode ser reconhecido como informação válida em determinado contexto (Frohmann, 1995; 2008a). Em razão disso, a materialidade da informação condiciona o que pode ser conhecido, dito, preservado e legitimado, orientando as formas de produção, circulação e validação do conhecimento (Frohmann, 1995; 2007).

Como valor e convenção, a materialidade antecede o registro em um suporte físico, criando as condições institucionais e simbólicas para que a informação seja inscrita e incorporada em um documento (Rabello, 2019b). Nesse sentido, a informação tornada tangível e investida de valor institucional – isto é, o documento – pode ser

compreendida como um quase-objeto, dotado de agência (Frohmann, 1995; Mostafa, 2011).

Os quase-objetos, conceito associado aos híbridos de Michel Serres, designam entidades que não ocupam estritamente a posição de sujeito nem de objeto, mas emergem como composições sociotécnicas que articulam natureza e cultura (Latour, 2019). Nessa condição, a informação atua como mediadora de relações, contribuindo para moldar comportamentos, estabilizar práticas e sustentar instituições (Frohmann, 1995; 2007). O documento, assim, passa a ser compreendido como objeto sociotécnico, ou seja, como actante cuja autoridade decorre de práticas reiteradas de inscrição, validação e circulação em contextos institucionais (Frohmann, 1995; 2008a).

O documento estabilizado pode ser entendido como síntese das redes sociotécnicas que o antecedem, o constituem e o acompanham ao longo de sua biografia documental (Shankar; Hakken; Østerlund, 2017). Compreendido como tradução de associações heterogêneas, o documento não oferece acesso imediato à realidade, seja como evidência positivista, seja como proximidade interpretativa nos termos hermenêuticos. Seguir os rastros dessas redes permite compreender que a realidade não se apresenta de forma direta ou próxima, mas depende de um trabalho analítico rigoroso de recomposição das associações que a constituem (Rabello, 2025).

Frohmann (2024) adota essa perspectiva e aplica-a às ciências da informação e da documentação para questionar a primazia da consciência e da subjetividade. Em sua ontologia percebe-se uma distinção epistemológica entre a materialidade da informação e a

materialidade do documento. A materialidade da informação configura-se como a rejeição ontológica do fluxo intangível: é a negação de que a informação seja um conteúdo exclusivamente mental, universal e imaterial, atestando, em um resgate da crítica materialista à ideologia, sua dependência irrevogável das condições sociais e históricas de existência. Assim, considerar a informação como pura abstração acaba por mascarar os processos concretos de sua produção e circulação.

A materialidade do documento, por sua vez, repousa em sua dimensão operacional, infraestrutural e superestrutural. Ela engloba o peso das práticas documentárias, os arranjos institucionais e as tecnologias que conferem estabilidade ao registro. Aprofundando essa premissa, Frohmann (2012) sustenta que um documento só se torna informativo quando submetido a essas práticas específicas.

Esse princípio fundamenta sua proposta de uma “ontologia documentária” (Frohmann, 2008b), baseada em materialidade, institucionalidade, disciplina social e historicidade – revelando estreita relação entre documento e contexto (Amorim; Rabello, 2023). O documento assume, assim, dupla função: é sujeito e objeto, agente e produto de efeitos sociais. Para Meirelles (2019):

[...] sua materialidade depende de plataformas autorizadas de enunciação – instituições – que lhe emprestam autoridade e, também, estabilidade. Esta positividade permite que o documento seja agente na formação de conhecimento sobre o homem e o social (Meirelles, 2019, p. 28).

A materialidade da informação depende dessas práticas documentárias, estabelecidas “com ela e a partir dela” sob mediação institucional (Zammataro; Albuquerque, 2021). Frohmann (2008a,

p. 5) destaca que, ao aplicar o conceito foucaultiano de materialidade dos enunciados, percebe-se que os documentos que circulam dentro e entre as instituições possuem uma "materialidade pronunciada". Isso se manifesta no esforço necessário para produzi-los, instituir práticas relacionadas a eles, substituí-los por outros documentos e transferi-los entre diferentes instituições.

Para categorizar a eficácia dessa materialidade pronunciada, Frohmann (2008a) recorre a grandezas da física: massa, inércia, resistência e energia. A compreensão desses conceitos, no entanto, exige um distanciamento da mecânica clássica. Como o autor adverte, "o conceito de materialidade está mais para o conceito de massa da física moderna [...] a analogia é útil porque, assim como a equação de Einstein, ela dirige nossa atenção para a relação entre a massa do enunciado e sua energia" (Frohmann, 2008a, p. 4). Ou seja, a "massa da física moderna" não é uma entidade inerte e separada da energia, mas sim energia concentrada.

Frohmann transpõe essa equivalência para a ontologia documentária. O "peso institucional" ou a estabilidade de um documento (sua massa e inércia) não representam um suporte morto. Ao contrário, essa solidez material só existe e se justifica por sua capacidade de agir, mobilizar práticas e gerar consequências (sua energia). Essa equação alinha o construto frohmanniano à microfísica de Foucault: a materialidade documental não é uma substância passiva, mas um campo dinâmico de forças em constante exercício.

Essa densidade operacional aproxima-se, em certo sentido, da materialidade simbólica e performativa da escrita discutida por

Derrida (1973), para quem não há “conteúdo” puro anterior ao registro. A iterabilidade – condição de todo signo de poder ser repetido e reinscrito em contextos distintos – revela que essa agência decorre de uma materialidade instável e múltipla, que opera mesmo na ausência de um significado ou presença fixos.

Ferrando e Freitas (2017, p. 10) observam que Frohmann adota uma “perspectiva relacional do documento”, destacando “as relações entre a sociedade e os documentos nela produzidos, a partir de um efeito de informação gerado pela agência do documento”, sendo essa agência “o poder que o documento tem de afetar as práticas sociais, ou seja, os efeitos de informação do documento”.

A documentalidade, em Frohmann, refere-se à reconfiguração contínua do sistema de práticas documentárias (Meirelles, 2019). Embora tangencie o conceito homônimo de Ferraris (2014) sobre o registro como fundamento da realidade social, a ênfase frohmanniana recai na engrenagem política: o documento não abriga passivamente um registro, mas atua como infraestrutura tecnológica e política autônoma, cuja energia material modula o horizonte de possibilidades da informação.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este texto investigou as origens e implicações teóricas do conceito de materialidade em Bernd Frohmann por meio de uma investigação genealógica, articulando-o a tradições filosóficas e sociológicas que o influenciam. A partir da análise histórica do termo “matéria”, do materialismo histórico-dialético e da materialidade do discurso em Michel Foucault, evidenciou-se como essas perspectivas

sustentam a “ontologia documentária” frohmanniana e sua relevância para os estudos informacionais.

A genealogia filosófica da matéria, das origens etimológicas à oposição entre matéria e forma, revelou como o embate entre materialismo e idealismo marcou o pensamento moderno. Longe de configurar uma sucessão linear, esse debate demarca rupturas significativas: da separação platônica entre corpo e alma ao reducionismo mecanicista da Modernidade, operando inflexões até o materialismo histórico-dialético.

Esse mapeamento demonstra um constante deslocamento do lócus da materialidade – que deixa de ser concebida como uma substância inerte para incorporar as relações sociais, os modos de produção e as estruturas econômicas. A apropriação crítica e não ortodoxa dessa tradição por Foucault transferiu esse lócus para as práticas discursivas e institucionais. Esse deslocamento abriu possibilidades analíticas alternativas ou complementares aos estudos com enfoque estritamente econômico. Nesse horizonte, somam-se às condições históricas o plano enunciativo no qual se operam e se organizam as relações entre saber e poder, bem como as tensões que emergem dos agenciamentos.

Frohmann retoma essas contribuições e as reinscreve nas ciências da informação e da documentação, ao afirmar que documento e informação só ganham sentido se compreendidos em sua dimensão material, nas práticas e nos contextos sociais. O documento deixa de ser mero suporte para atuar como operador de práticas e de poder. Ao visitar a documentação otletiana e focalizar o campo informacional, Frohmann redefine o documento, conferindo-

lhe centralidade teórica e metodológica. A articulação da ontologia documentária revela uma contribuição analítica para a área: embora não encerre definitivamente todas as disputas do campo, essa abordagem propõe uma lente heurística ao substituir uma "ontologia da informação" abstrata e/ou mentalista por uma perspectiva que integra dimensões físicas, institucionais, simbólicas e discursivas.

A materialidade, conforme discutida, emerge como conceito-chave para compreender os processos informacionais contemporâneos, abrangendo aspectos físicos, técnicos, regimes de verdade e enunciação, bem como condições históricas e institucionais que sustentam a existência e circulação da informação. Fundado em tradições filosóficas e sociológicas, esse conceito oferece bases para repensar fundamentos teóricos e metodológicos das ciências da informação e da documentação, contribuindo para a análise crítica de fenômenos como digitalização, circulação em redes e regimes de verdade que moldam a produção documental.

Reconhecer a agência material do documento exige enfrentar suas consequências éticas e políticas. Como adverte Frohmann (2008b), as práticas exercem uma "política documentária" capaz de forjar categorias sociais e sujeitos. Na mesma direção, Rabello (2018) atesta que a materialidade documental atua como expressão de poder e saber, fixando os "regimes de verdade" do campo social. A ontologia frohmanniana oferece um arcabouço para investigar a agência documental, suas relações com o poder e as implicações sociais das práticas documentárias, fortalecendo o diálogo interdisciplinar e ampliando as fronteiras de pesquisa na área.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Do livro à tela: O antes e o depois do livro.

**Revista Diálogos Mediterrânicos**, [S. l.], n. 9, p. 119–132,

2015. Disponível em:

<https://www.dialogosmediterraneos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/165>. Acesso em: 20/08/2025.

AMORIM, Ana Karolina Alves; RABELLO, Rodrigo. A materialidade da informação em Bernd Frohmann. **Ibersid**: revista de sistemas de información y documentación, Zaragoza, v. 17, n. 1, p. 103–113, jan./jun. 2023. Disponível em:

<https://www.ibersid.eu/ojs/index.php/ibersid/article/view/4918>.

Acesso em: 15/05/2024.

ANGIONI, Lucas. A noção aristotélica de matéria. **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, Campinas, Série 3, v. 17, n. 1, p. 43–62, jan./jun. 2007. Disponível em:

<https://www.cle.unicamp.br/eprints/index.php/cadernos/article/view/631>. Acesso em: 03/05/2025.

BALIBAR, Étienne. Foucault and Marx: The question of nominalism.

*In*: ARMSTRONG, Timothy J. (trad.); LOTY, Laurent (ed.). **Michel Foucault philosopher**. New York: Routledge, 1992. p. 38–56.

BLOCH, Olivier. **Il materialismo**. Milano: Marzorati, 1990.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em:

<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/32338>. Acesso em: 13/04/2023.

CASSIRER, Ernst. **A filosofia do iluminismo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

DAY, Ronald E. **The modern invention of information: discourse, history, and power**. Carbondale: Southern Illinois University Press, 2001.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Perspectiva, 1973.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERRANDO, Thays Lacerda; FREITAS, Lídia Silva de. Documento e dispositivo: entre Bernd Frohmann e Michel Foucault. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais** [...]. Marília: ANCIB; Unesp, 2017. Disponível em: [http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XVIII\\_ENANCIB/ENANCIB/paper/view/542](http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XVIII_ENANCIB/ENANCIB/paper/view/542). Acesso em: 25/05/2023.

FERRARIS, Maurizio. **Documentality**: Why It Is Necessary to Leave Traces. New York: Fordham University Press, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREIXO, Estêvão de Carvalho. A etiologia da materialidade na teoria discursiva de Michel Foucault. **Aurora**, Marília, v. 13, n. 2, p. 9-26, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/article/view/10041>. Acesso em: 07/05/2025.

FROHMANN, Bernd. Taking information policy beyond information science: applying the actor network theory. *In*: ANNUAL CONFERENCE OF THE CANADIAN ASSOCIATION FOR INFORMATION SCIENCE (CAIS/ACSI), 23., 1995, Edmonton. **Proceedings** [...]. Edmonton: CAIS, 1995. Disponível em: [https://cais-acsi.ca/wp-content/uploads/2023/11/1995\\_frohmann.pdf](https://cais-acsi.ca/wp-content/uploads/2023/11/1995_frohmann.pdf). Acesso em: 09/12/2022.

FROHMANN, Bernd. Multiplicity, materiality, and autonomous agency of documentation. *In*: SKARE, Roswitha; LUND, Niels W.; VÄRHEIM, Andreas (org.). **A Document (Re)turn**: Contributions

from a Research Field in Transition. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2007. p. 27-39.

FROHMANN, Bernd. O caráter social, material e público da informação. *In*: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; MARTELETO, Regina Maria; LARA, Marilda Lopes Ginez de (org.). **A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008a. p. 13-36.

FROHMANN, Bernd. Documentary ethics, ontology, and politics. **Archival Science**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 165-180, 2008b. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10502-009-9073-7>. Acesso em: 18/05/2025.

FROHMANN, Bernd. Revisiting "what is a document?". **Journal of Documentation**, [S. l.], v. 64, n. 3, p. 433-441, 2008c. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/00220410810867623/full/html>. Acesso em: 28/03/2022.

FROHMANN, Bernd. A documentação rediviva: prolegômenos a uma (outra) filosofia da informação. **Morpheus**: Revista Eletrônica em Ciências Humanas, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 227-249, 2012. Disponível em: <https://seer.unirio.br/morpheus/article/view/3228>. Acesso em: 28/03/2022.

FROHMANN, Bernd. Foucault, Deleuze, and the Ethics of Digital Networks. *In*: CAPURRO, R.; FRÜHBAUER, J.; HAUSMANNINGER, T. (eds.). **Localizing the Internet**: Ethical Aspects in Intercultural Perspective. Munich: Wilhelm Fink, [c.2007], 2018. p. 57-68.

FROHMANN, Bernd. Reference, representation, and the materiality of documents. *In*: MARTELETO, Regina Maria; COUZINET, Viviane; THIESEN, Icleia; SALDANHA, Gustavo Silva; FRAYSSE, Patrick (org.). **A rede franco-brasileira Mussi**: 16 anos de pesquisas. Brasília: Editora Ibict, 2024. v. 1, p. 127-141. Disponível em: <https://livroaberto.ibict.br/handle/1/1169>. Acesso em: 21/05/2025.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Regime de informação: construção de um conceito. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 22, n. 3, p. 43-60, set./dez. 2012. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/14376>. Acesso em: 09/11/2021.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. Documentação, materialidade e práticas documentárias. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL DA REDE FRANCO-BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM MEDIAÇÕES E USOS SOCIAIS DE SABERES E INFORMAÇÃO – REDE MUSSI, 3., 2014, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: UFBA, Instituto de Ciência da Informação, 2014. v. 1. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002659330.pdf>. Acesso em: 22/02/2025.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 2019. (Coleção TRANS).

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MEIRELLES, Mariana Baptista. Documento, documentação e documentalidade: a teorização de Bernd Frohmann. *In*: MEIRELLES, Mariana Baptista. **Documento, objeto em disputa**: a busca pela materialidade documental para a realização de direitos homoafetivos. 2019. 198 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/12345>. Acesso em: 13/05/2025.

MENEZES, Vinícios Souza de. A mulher como informe: uma maculatura desclassificada na tipografia do informar. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 408-420, 2018. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/4308>. Acesso em: 11/08/2025.

MOSTAFA, Solange Puntel. A documentalidade como conceito filosófico. *In*: GRIPPA, G.; MOSTAFA, S. P. (Org.). **Ciência da Informação e Documentação**. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2011. p. 9-22.

OLSSSEN, Mark. Foucault and Marxism: rewriting the theory of historical materialism. **Policy Futures in Education**, [S. l.], v. 2, n. 3/4, p. 454–482, 2004. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.2304/pfie.2004.2.3.3>. Acesso em: 20/05/2025.

RABELLO, Rodrigo; RODRIGUES, Georgete Medleg. Documento, forma e materialidade: abordagens probatórias e representação da realidade. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: UFBA, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/89758>. Acesso em: 19/04/2022.

RABELLO, Rodrigo. Documento e institucionalidades: dimensões epistemológica e política. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 23, n. 51, p. 138-156, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2018v23n51p138>. Acesso em: 09/08/2021.

RABELLO, Rodrigo. Informação e implicações epistemológicas e políticas: questões entre fisicalidade e materialidade. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2019a, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/121896>. Acesso em: 09/09/2022.

RABELLO, Rodrigo. Informação institucionalizada e materializada como documento: caminhos e articulações conceituais. **Brazilian Journal of Information Science**: research trends, Marília, v. 13, n. 2, p. 5-25, 2019b.

RABELLO, Rodrigo. Práticas documentárias em regimes de materialidade. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2022, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: UFRGS, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/188556>. Acesso em: 25/05/2023.

RABELLO, Rodrigo. Documento e informação: mediações entre inscrição e realidade. *In*: ALMEIDA, C. C. de; VITTI-RODRIGUES, M. (Org.). **Estudos pluridisciplinares da informação**: ciência da informação, ética e linguagem. Marília; São Paulo: Oficina Universitária; Cultura Acadêmica, 2025b. v. 3, p. 33-70.

SALDANHA, Gustavo Silva. O Documento e a "Via Simbólica": Sob a Tensão da "Neodocumentação". **Informação Arquivística**, v. 2, n.

1, p. 65–88, 30 jun. 2013. Disponível em:  
<http://www.ridi.ibict.br/bitstream/123456789/500/1/Saldanha.pdf>.  
Acesso em: 22/02/2025.

SHANKAR, Kalpana; HAKKEN, David; ØSTERLUND, Carsten.  
Rethinking documents. *In*: FELT, U.; FOUCHÉ, R. *et al.* (ed.). **The handbook of Science and Technology studies**. 4th ed.  
Cambridge; London: The MIT Press, 2017. p. 59-85.

ZAMMATARO, Aline Francieli Daiana; ALBUQUERQUE, Aline  
Carvalho de. Os conceitos de informação, documento e regime de  
informação a partir da perspectiva frohmanniana na Ciência da  
Informação: uma revisão sistemática da literatura em periódicos  
brasileiros. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da  
Informação**, Campinas, v. 19, 2021. Disponível em:  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8662643>. Acesso em: 16/05/2022.

## LICENÇA DE USO

Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob [Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](#) (CC BY 4.0).

## PUBLISHER

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da  
Informação (ANCIB). As ideias expressadas neste artigo são de  
responsabilidade de seus autores, não representando,  
necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

## EQUIPE EDITORIAL

Martha Suzana Cabral Nunes, Maria Cleide Rodrigues Bernardino,  
Franciéle Carneiro Garcês da Silva.

## COMO CITAR

SANTANA, Fábio Liberal Ferreira de; RABELLO, Rodrigo. Genealogia  
da materialidade: da substância à ontologia documentária.  
**Tendências da Pesquisa Brasileira e Ciência da Informação**,  
São Paulo, v. 19, n. esp., p. 1-26, jan./jun. 2026.